



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM  
SÍNDROME DE DOWN: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

**ROSA MARIA OLIVEIRA DA CUNHA**

**ORIENTADORA: ANA PAULA PERTUSSATI TEPPERINO**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**ROSA MARIA OLIVEIRA DA CUNHA**

**APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE  
DOWN: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Ana Paula Pertussati Teperino

**BRASÍLIA/2015**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ROSA MARIA OLIVEIRA DA CUNHA

### **APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO (Orientador)

---

ALIA MARIA BARROS GONZÁLEZ NUNES (Examinador)

---

ROSA MARIA OLIVEIRA DA CUNHA

BRASÍLIA/2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico toda essa minha trajetória primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que ele me proporcionou durante esse período, pois sem ele, nada seria possível. A orientadora Ana Paula Pertussati Teperino e todos os professores e autores dos módulos que muito contribuíram para a minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Depois minha família, em especial ao meu esposo Aldenisio Ferreira, que de forma carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, minhas filhas Júlia e Alanne.

Quero agradecer também de forma especial aos amigos Erisson Alencar, Gustavo Chueire e Walter e também aos meus colegas que adquiri durante meu curso.

E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa aos meus pais, Raimundo Bruno e Oneide, a quem eu rogo todos os dias a minha existência.

“Nós temos um cromossomo extra. Não fique com inveja.”

A Síndrome de Down tem um cromossomo a mais, o cromossomo do AMOR.

Reviver associação Down.

## RESUMO

A inclusão pode ser definida como um modelo de educação que propõe escolas onde todos possam participar e sejam recebidos como membros valiosos delas. Esta pesquisa objetiva analisar e conhecer como ocorre o processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down em uma escola de ensino regular da rede Estadual do município de Cruzeiro do Sul/Acre. Considera-se que as crianças com Síndrome de Down necessitam de estratégias pedagógicas que sejam capazes de lhes oportunizar o acesso ao conhecimento no processo de ensino, pois estas crianças, em virtude das limitações biológicas ocasionadas pela síndrome apresentam características próprias no processo de ensino e aprendizado, as quais devem ser consideradas pelo professor na sala de aula. Para a concretização do presente estudo realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, analisando a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down em sala de aula comum. As crianças com Síndrome de Down são capazes de realizar as mesmas tarefas das demais crianças, e muitas vezes com a mesma capacidade de aprendizado, logo não devem ser privadas de nenhuma atividade corriqueira. Logo o texto realiza algumas reflexões sobre as estratégias de intervenção de uma criança Síndrome de Down, para promover a participação de todos: alunos, pais, educadores e cuidadores no cotidiano escolar. Só assim é possível estimular a aprendizagem delas de forma efetiva, bem como assegurar cidadania e inclusão social.

**Palavras-Chave:** Inclusão escolar. Aprendizagem. Desenvolvimento. Síndrome de Down.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>11</b>
2.1 Conceituando Pessoa com Deficiência, Síndrome de Down e suas Características .....	13
<b>3 OBJETIVOS.....</b>	<b>15</b>
3.1 Objetivo Geral.....	15
3.2 Objetivos Específicos.....	15
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia .....	16
4.2 Contexto de pesquisa.....	16
4.3 Participantes .....	17
4.4 Materiais.....	17
4.5 Instrumentos de Construção dos Dados .....	17
4.6 Procedimentos de Coleta de Dados .....	18
4.7 Procedimentos de Análise de Dados .....	18
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE A: ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SSEMIESTRUTURADO.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO A: CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO B: ACEITE INSTITUCIONAL.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>38</b>



## 1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho irá relatar parte da minha trajetória profissional e pessoal. Escolhi a profissão de professora, por que sempre sonhei atuar nessa área, pois acredito que seja entre tantas umas das mais belas e encantadoras profissões. Quando escolhi cursar a Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, fiz essa escolha, pois busco crescer e aperfeiçoar a minha prática docente em Ensino especial. O cotidiano da sala de aula impõe muitos desafios e venho me dedicando nessa caminhada educacional, que apesar de todas as dificuldades, é muito gratificante.

Com o passar do tempo, aprendi a lidar com diversas situações em sala aula, mudei a forma de planejamento das aulas ministradas para inovar e buscar, para com isso fazer com que as aulas se tornassem atrativas e assim, possivelmente as crianças se envolvem mais e aprendem com mais segurança. Entretanto, posso dizer que os textos e as pesquisas me ajudaram muito, pois os mesmos trouxeram diversas maneiras de se trabalhar com o material concreto.

Durante toda jornada do curso consegui almejar meus propósitos e acredito estar preparada para lidar com as adversidades da sala de aula, procurando ensinar com mais praticidade, segurança, prazer e competência. Sem dúvida que durante o curso, a cada módulo que se passava, meus conhecimentos e experiências se enriqueciam. Hoje posso dizer que estou trilhando meu caminho com mais segurança e determinação. A cada novo conhecimento adquirindo sinto mais incentivada a buscar métodos novos e a aprender cada vez mais.

A escolha do tema se deu a partir da minha experiência em sala de aula, onde já trabalhei com crianças com Síndrome de Down, o que acredito facilitar na elaboração da minha pesquisa e consequentemente ampliar meus conhecimentos a respeito da temática. Com intuito de buscar compreender a realidade das crianças com Síndrome de Down, este estudo tem como objetivo buscar observar e analisar o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com Síndrome de Down no ensino regular.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) foi elaborada segundo os preceitos de uma escola em que cada aluno tem a possibilidade de aprender a partir de suas aptidões e capacidades, e em que o conhecimento se constrói sem resistência ou submissão ao que é selecionado para compor o currículo, resultando na promoção de alguns alunos e na marginalização de outros do processo escolar.

O Brasil se destaca nos últimos anos pelos avanços relacionados à efetivação do direito de todos à educação, estabelecido pela Constituição Federal de 1988 e fundamentado no paradigma da inclusão, nos direitos humanos e na articulação entre o direito à igualdade e à diferença, os quais abriram caminhos para a transformação dos sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusos.

A inclusão de alunos com Síndrome de Down nas classes comuns das escolas públicas da rede regular de ensino, é a essência principal dessa pesquisa, assim também como acontece o desenvolvimento e a aprendizagem. Optou-se por essa temática mediante a necessidade de investigar e analisar o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) nas classes comuns de ensino regular, especialmente dos discentes que apresentam Síndrome de Down, bem como, pelo intento de oferecer aos docentes da escola pesquisada informações pertinentes à inclusão, à Síndrome cerne desse estudo e a escola comum inclusiva.

A relação das crianças com Síndrome de Down no contexto da escola inclusiva é um fator imprescindível para sua inclusão na sociedade, são estas relações que proporcionam autonomia e fornecem parte do suporte para a convivência social. O ambiente onde a pessoa com Síndrome de Dow está inserida configura-se como um dos fatores principais para seu desenvolvimento biopsicossocial, pois, neste espaço, ela desenvolverá vínculos de relacionamento.

O aprendizado e o desenvolvimento da capacidade de se relacionar dependem de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes. O professor pode promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças. É importante salientar que uma das características das crianças com Síndrome de Down é a deficiência intelectual, o que não a impede de ir à escola e exercer o direito à educação prevista pela Constituição Brasileira, ou seja, o direito que toda criança tem. Na escola, ela poderá desenvolver suas potencialidades, podendo um dia seguir uma profissão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente, está em vigor a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Hoje, a democratização do ensino se estende às crianças com deficiências e outras condições atípicas de desenvolvimento. A inclusão escolar no país encontra-se em um momento ímpar, se analisarmos todo o histórico e percurso percorrido que culminaram na implementação das atuais políticas públicas e os debates cada vez mais fundamentados e ainda mais recorrentes sobre educação para todos. Entretanto, mesmo com essa evolução, ainda muita coisa precisa ser feita, mudada, alterada e reprojetada, para alcançarmos realmente uma educação de qualidade.

Sendo assim, surge à importância de se incluir crianças com Síndrome de Down, com o objetivo de desenvolver suas habilidades, trabalhar o convívio social e abolir o preconceito. Portanto, é de fundamental importância incluir, entender, respeitar, valorizar e lutar contra o preconceito, dando condições para que elas continuem em sala de aula, convivendo juntamente com outras crianças e participando ativamente das brincadeiras, atividades em grupo, etc..

A inclusão de crianças com deficiência nas escolas teve origem em meados do século XX com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Essa declaração foi um processo resultante do esforço da sociedade para conquistar igualdade de direitos e dignidade a todos. O ideal que ela estabelece, é o direito pluralista e universal, “ordenado precisamente ao redor dos direitos fundamentais de toda pessoa humana” (DELMAS-MARTY, 1999, p.106).

A Síndrome de Down necessita de atenção, pois a escola e o professor precisam estar preparados para saber como ensinar e avaliar. Uma atitude positiva por parte da escola que recebe o aluno é essencial. Um plano de transição bem preparado precisa ser elaborado para que a trajetória escolar do aluno seja adequada e satisfatória.

Visando que a escola inclusiva é um ambiente gerador de respeito e convivência entre as crianças e os professores, segundo STAINBACK (1999) quando o ato de incluir começa na instituição escolar, que caracteriza o primeiro convívio social, depois da convivência familiar de toda criança, é certo que as questões igualitárias e de respeito serão absorvidas mais facilmente como valores sociais, resultando em uma convivência geradora de cooperação e troca mútua. No processo de inclusão o professor atua como um facilitador da aprendizagem de todas as crianças, inclusive das crianças com Necessidades Educacionais Especiais, sendo necessário contar com o auxílio de outros profissionais.

Quando há uma criança com Síndrome de Down na escola precisamos contar com o apoio técnico de outros profissionais ligados ao aprendizado desse aluno, como os Educadores Físicos e Psicólogos ligados a escola, além de outros profissionais que fazem parte da rotina desse aluno, como Fonoaudiólogo, Terapeuta Ocupacional, Fisioterapeuta, psicopedagogo, médicos e neurologistas.

O currículo deve ser flexibilizado para a criança com Síndrome de Down, que pode ou não ser acompanhada por um mediador na sala de aula. O aluno também faz provas, mas a sua avaliação é diferente. O professor acompanha as etapas de sua evolução ao longo do ano, sempre o comparando com ele mesmo, dentro de suas potencialidades.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham as suas especificidades atendidas.

A compreensão da Educação Especial nessa perspectiva, está relacionada a uma concepção e a práticas da escola regular que mudam a lógica do processo de escolarização, a sua organização e o estatuto dos saberes que são objetos do ensino formal. Como a modalidade não substitui a escolarização de alunos com deficiência, com transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação, essa educação supõe uma escola que não exclui alunos que não atendam ao perfil idealizado institucionalmente.

A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os sistemas educacionais em seus fundamentos. Ela questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção dos eleitos para frequentar as escolas, produzindo, com isso, identidades e diferenças, inserção e/ou exclusão.

A educação inclusiva concebe a escola como espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças. Nas escolas inclusivas, ninguém se conforma a padrões que identificam os alunos como especiais e normais, como todos se igualam pelas suas diferenças. A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos em quaisquer condições pelas quais

possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas.

## **2.1 Conceituando Pessoa com Deficiência, Síndrome de Down e suas Características**

Consideram-se alunos com deficiência aqueles que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo.

Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. Dentre os transtornos funcionais específicos estão: dislexia, disortográfica, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção e hiperatividade, entre outros.

A Síndrome de Down é um evento genético natural e universal, estando presente em todas as raças e classes sociais. Uma pessoa com a Síndrome pode apresentar todas ou algumas das seguintes condições físicas: olhos amendoados, uma prega palmar transversal única, também conhecida como pregas simiescas, dedos encurtados, fissuras palpebrais oblíquas, ponte nasal achatada, língua protusa devido a pequena cavidade oral, pescoço curto, pontos nas íris conhecidos como manchas de Brushfield, uma flexibilidade excessiva nas articulações, defeitos cardíacos congênitos, espaço excessivo entre o hálux e o segundo dedo do pé.

A Síndrome de Down ou Trissomia do Cromossomo 21 é um distúrbio genético causado pela presença de um cromossomo 21 extra, total ou parcialmente. Recebe o nome em homenagem a John Langdon Down, médico britânico que descreveu a Síndrome em 1862. A sua causa genética foi descoberta em 1958, pelo professor Jerome Lejeune que descobriu uma cópia extra do cromossomo 21.

Esta síndrome é caracterizada por uma combinação de diferenças maiores e menores na estrutura corporal. Geralmente a Síndrome de Down está associada a algumas dificuldades de habilidades cognitivas abaixo da média, geralmente variando de retardo mental leve a moderado. Um pequeno número de afetados possui retardo mental profundo. É o distúrbio genético mais comum, estimado em um a cada 800 ou 1000 nascimentos.

Muitas das características comuns da Síndrome de Down, também estão presentes em pessoas com um padrão cromossômico normal. Ela inclui a prega palmar transversa, ou seja, uma única prega na palma da mão, em vez de duas, olhos com formas diferenciadas devido as pregas nas pálpebras, membros pequenos, tônus muscular pobre e língua protusa. As pessoas afetadas pela Síndrome de Down possuem maior risco de sofrer defeito cardíaco congênito, doenças do refluxo gastroesofágico, otites recorrentes, apneia de sono obstrutiva e disfunções na glândula tireoide.

Apesar da aparência às vezes comum entre pessoas com Síndrome de Down, é preciso lembrar que o que caracteriza realmente o indivíduo é a sua carga genética familiar, que faz com que ele seja parecido com seus irmãos. As crianças com Síndrome de Down encontram-se em desvantagem em níveis variáveis face a criança sem Síndrome, já que a maioria dos indivíduos com Síndrome do Down possuem deficiência mental de leve (QI 50-70) a moderado (QI 35-50) com os escores do QI de crianças possuindo Síndrome de Down do tipo mosaico tipicamente 10 – 30 pontos maiores. Além disso, indivíduos com Síndrome de Down podem ter sérias anomalias afetando qualquer sistema corporal. A sigla QI, se refere a Quociente de Inteligência, avaliado através de testes de inteligência. Outra característica frequente é a microcefalia, um reduzindo peso e tamanho do cérebro. O progresso na aprendizagem é também tipicamente afetado por doenças e comprometimento motor, doenças infecciosas recorrentes, problemas no coração, na audição e na visão, como miopia, astigmatismo ou estrabismo.

Como causas genéticas a Síndrome de Down pode ter quatro origens possíveis. Das doenças congênitas que afetam a capacidade intelectual, a Síndrome de Down é a mais prevalente e melhor estudada. Esta Síndrome engloba várias alterações genéticas das quais a Trissomia do cromossomo 21 é a mais frequente (95% dos casos). A Trissomia 21 é a presença de uma terceira cópia do cromossomo 21 nas células dos indivíduos afetados. Outras desordens desta Síndrome incluem a duplicação dos conjuntos de genes, como translações do cromossomo 21. Dependendo da afetiva etiológica, a dificuldade na aprendizagem pode variar de mediana para grave.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Conhecer como ocorre o processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down em uma escola de ensino regular da rede Estadual do município de Cruzeiro do Sul/Acre.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar como ocorre a inclusão de crianças com Síndrome de Down nas classes das escolas comuns.
- Conhecer os desafios da inclusão escolar que são enfrentados por crianças com Síndrome de Down.
- Identificar quais recursos e materiais pedagógicos são utilizados pelos professores para propiciar a aprendizagem dos alunos.
- Analisar a importância da família no processo de aprendizagem dos alunos.
- Analisar a importância dos relacionamentos entre os colegas.
- Identificar fatores que dificultam o processo de aprendizagem dos alunos.
- Identificar fatores favoráveis ao processo de aprendizagem dos alunos.
- Conhecer os desafios da inclusão escolar.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia**

A problemática da pesquisa se deu em função da indagação pela prática profissional do pesquisador e o principal objetivo é observar como acontece o aprendizado e o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down dentro do ambiente escolar. Abaixo serão apresentadas algumas considerações que nortearão a construção dessa pesquisa.

O método empregado neste estudo foi a pesquisa qualitativa e o estudo de caso foi a estratégia de pesquisa escolhida, onde foi realizada a coleta de dados. Segundo André (2008), a escolha do estudo de caso pode se explicar pelo fato de que o pesquisador pode envolver-se com seu objeto de pesquisa para compreender seu contexto, suas inter-relações, suas principais ações, eventos, etc.

De acordo com Godoy (1995, p. 21), a crescente busca pelos métodos qualitativos de pesquisa explica-se pelo fato de “que hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

A escolha da metodologia utilizada, possibilitou a coleta de um número significativo de informações referentes ao cotidiano do aluno na escola. Isso ficou constatado após o momento do questionário, pois os entrevistados forneceram uma quantidade significativa de informações pertinentes ao assunto abordado.

### **4.2 Contexto de pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma escola na cidade de Cruzeiro do Sul/Acre, com turmas do 3ª e 4ª ano do ensino regular, do período matutino. A escolha da escola da pesquisa aconteceu pela autora ter trabalhado nessa instituição de ensino durante o período de dois anos atrás e ter uma boa convivência com os funcionários da escola.

Este trabalho teve a participação de duas professoras, formadas em Pedagogia. A escola atualmente atende em três turnos: com 681 alunos, 33 funcionários administrativos, 14 efetivos, 26 temporários e duas professoras de Atendimento Educacional Especializado, as mesmas



atendem no contra turno dos alunos que necessitam desse atendimento. Funcionado de 1º ao 5º pela parte da manhã, a tarde de 6 ao 9º e a noite modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No primeiro momento ocorreu uma conversa informal com a diretora e em seguida com a coordenadora administrativa. Logo depois, houve o primeiro contato com as professoras, convidando-as para participar da pesquisa, quando as mesmas concordaram em realizar. Após esse momento, foi realizado a aplicação do questionário quando se posicionam de forma clara e objetiva. Enfatizamos que neste momento, as participantes preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### **4.3 Participantes**

Participaram da pesquisa, duas professoras que trabalham com crianças com Síndrome de Down em suas salas. As professoras serão identificados como professores 1 e 2.

### **4.4 Materiais**

Para efetivar a construção da pesquisa, bem como a organização e análise das informações obtidas com a coleta de dados, foram utilizados alguns materiais como: papel A4, computador e caneta.

### **4.5 Instrumentos de Construção dos Dados**

Como instrumento para o levantamento das informações foi utilizada a observação e a entrevista semiestruturada.

Na entrevista semiestruturada, o investigador tem uma lista de questões ou tópicos para serem preenchidos ou respondidos, como se fosse um guia. A entrevista tem relativa

flexibilidade. As questões não precisam seguir a ordem prevista no guia e poderão ser formuladas novas questões no decorrer da entrevista (MATTOS, 2005). Mas, em geral, a entrevista seguirá o que se encontra planejado. As principais vantagens das entrevistas semiestruturadas são as seguintes: possibilidade de acesso a informação além do que se listou; esclarecer aspectos da entrevista; gera de pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação e define novas estratégias e outros instrumentos. (TOMAR, 2007).

#### **4.6 Procedimentos de Coleta de Dados**

Os professores foram escolhidos pelo fato de participarem ativamente do processo de inclusão dos alunos, onde atuam como regentes da sala de aula e estão em contato direto e diário com as crianças. Ressaltamos que a equipe gestora tem a função de receber as crianças com Necessidades Educacionais Especiais e oferecer aos mesmos subsídios para que tenham um ambiente agradável e acessível.

A escolha foi feita em uma escola pública do município de Cruzeiro do Sul/Acre. Durante o período da pesquisa foi realizado um acompanhamento pedagógico com esses referidos alunos em uma sala de ensino comum. Visa-se conhecer a rotina dos alunos com em sua vida escolar diária. Além de reconhecer as dificuldades e as capacidades na instituição de ensino.

#### **4.7 Procedimentos de Análise de Dados**

Após levantamento dos dados, foram elaboradas sete categorias de análise que serão apresentadas a seguir:

1. Inclusão escolar
2. Formação e o processo de aprendizagem
3. Materiais e recursos pedagógicos
4. Apoio da família e da escola
5. Importância dos relacionamentos interpessoais

6.Importância da família

7.Fatores dificultadores

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho optamos em apresentar resultados e discussão conjuntamente, por acreditarmos que proporciona ao leitor uma compreensão mais clara dos dados. Após levantamento dos dados, foram elaboradas sete categorias de análise que serão apresentadas a seguir:

### **Primeira categoria: inclusão escolar**

De acordo com o professor 1, a inclusão escolar está ocorrendo de forma gradual, as escolas estão se preparando, os professores se especializando, e aos poucos a inclusão se tornará uma realidade a todos.

Segundo o professor 2, a realidade se apresenta de forma diferente, uma vez que não observa mudanças em relação ao aperfeiçoamento das instituições e indica que cabe ao profissional capacitar-se por si só, mesmo sem grandes incentivos e também ocorre o não aproveitamento nas instituições de professores que passaram por capacitação profissional.

Segundo Voivodic, o sistema educacional brasileiro está diante do desafio de alcançar a educação que contemple a diversidade da condição humana. A inclusão escolar vem denunciando a distância entre o ideal, proclamado e garantido legalmente para uma educação de qualidade para todos, e o real que são as condições atuais do sistema escolar. Porém, a inclusão no contexto escolar vem se efetivando na prática mesmo com dificuldades, antes mesmo de a legislação vigente formalizar a proposta (VOIVODIC, 2004).

No entanto, para que formas possíveis sejam avaliadas para que o processo de inclusão se realize em benefício da criança com deficiência, os projetos educacionais devem acontecer em numa dialética teoria/prática com uma constante avaliação do que ocorre com esta criança. Da mesma forma como foi difícil a luta pela integração, quando foram criadas as escolas e salas especiais, atualmente se faz necessário um novo passo para que a sociedade passe a olhar para as pessoas com Síndrome de Down como realmente são, pessoas diferentes, mas com muito a contribuir.

#### **Professor 1**

Aos poucos elas estão sendo preparadas, a ponte para esse processo está se dando através dos professores especialistas que trabalham no Atendimento Educacional Especializado (AEE), que

trabalha em parceria com a equipe gestora e todo o corpo docente e discente da instituição escolar para que aconteça realmente a inclusão de todos no ambiente escolar.

Professor 2

As crianças com Síndrome de Down têm uso funcional da linguagem e compreendem as regras utilizadas na conversação, porém as habilidades comunicativas são bastante variantes entre elas. Déficit de atenção compromete seu desenvolvimento no ensino e aprendizagem.

Não, infelizmente as escolas não estão preparadas e tão pouco os professores que estão em sala de aula com esses alunos. Há muitos tabus a serem quebrados, um deles é por parte da Secretaria Estadual de Educação, SEE, que não ajuda os educadores, as salas de aulas superlotadas com 38 crianças e sendo duas com Síndrome de Down. Não tem como o professor sozinho realizar essa tarefa.

Não existe cuidadores em sua maioria, existe muita utopia. As crianças com essas necessidades precisam de cuidados especiais no ensino e na aprendizagem. Que seja trabalhado o lúdico e arte, pinturas. No papel tudo existe, já na prática é crítica a situação.

Também acredito em que todas as escolas deveriam ter um psicopedagogo e um psicólogo para ajudarem tanto no momento do diagnóstico, quanto no momento de elaboração das atividades. Diretores e coordenadores pedagógicos precisam se capacitar mais e colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Mas eu acredito que um dia teremos uma educação no ensino especial que tenha qualidade e com a atenção que merecem essas crianças.

### **Segunda categoria: formação e o processo de aprendizagem**

A formação influencia e muito no processo de aprendizagem, tanto para o professor 1 como para o professor 2, uma vez que a preparação das aulas e das atividades são realizadas com maior especificidade e tornando o processo mais simplificado.

Conforme Voivodic (2004t), o sistema educacional brasileiro está diante do desafio de alcançar a educação que contemple a diversidade da condição humana. A inclusão escolar vem

denunciando a distância entre o ideal, proclamado e garantido legalmente para uma educação de qualidade para todos, e o real que são as condições atuais do sistema escolar. Porém a inclusão no contexto escolar vem se efetivando na prática mesmo com dificuldades, antes mesmo de a legislação vigente formalizar a proposta (VOIVODIC, 2004).

Sendo assim, “não há como se implementar processos de inclusão que visem oferecer, de fato, uma educação de qualidade, sem efetivos serviços de apoio ao trabalho docente efetuado nas escolas regulares” (VOIVODIC, 2004).

Professor 1

Sim. Anualmente tenho formação continuada. A importância se dá através dos conhecimentos que adquiro, dando-me condições para que eu possa lidar com os desafios de cada criança, pois são únicos, cada um com suas particularidades e especificidades, cada um tem seu modo de ser, de aprender, de conviver no mundo, como também a sua vida social, econômica e cultural.

Professor 2

Recebi formação, mas não tão aprofundada no assunto ... Cursos muito rápidos, estou me aperfeiçoando de maneira particular em com cursos, esses que vão nortear o educador na hora da elaboração do plano de aulas, bem como entender e como trabalhar com alunos com determinadas deficiências.

### **Terceira categoria: materiais e recursos pedagógicos**

Para o professor 1, o uso de materiais e dos recursos pedagógicos são de grande auxílio no desenvolvimento intelectual e no aprendizado dos alunos, contribuindo de maneira mais prática na inclusão. Assim como para o professor 2, que vê também nesses materiais e nos recursos pedagógicos, uma forma de chamar a atenção dos alunos para as atividades realizadas, principalmente aqueles que apresentam Déficit de Atenção.

Como destacou Vygotsky, é sumamente relevante para o desenvolvimento humano o processo de apropriação, por parte do indivíduo, das experiências presentes em sua cultura. O autor enfatiza a importância da ação, da linguagem e dos processos interativos na construção das estruturas mentais superiores (VYGOTSKY, 1987). O acesso aos recursos oferecidos pela sociedade, escola, tecnologias, etc., influencia determinantemente nos processos de aprendizagem da pessoa.

Para a pessoa com deficiência podemos oferecer como recursos dentro dos elementos materiais, tanto os materiais didáticos propriamente ditos, como também os aspectos organizativos referentes ao espaço ou aos diferentes grupos de alunos. Entretanto, quando falamos de recursos materiais, nos referimos a outro meio de acesso ao currículo. Afinal, não basta saber o que vai ser ensinado ao aluno, mas também a necessidade de dispor dos meios adequados para que o aluno acesse os objetivos e conteúdos propostos.

Em relação aos materiais utilizados em sala de aula, os professores responderam:

Professor 1

Computador, software educativo, jogos interdisciplinares diversos, tudo de forma lúdica, escola game, ciranda da inclusão, práticas de atividades diárias.

Professor 2

Cartazes e jogos, isso quando a escola tem o material didático, material contendo histórias ilustradas, isso ajuda e muito no aprendizado.

Em relação aos materiais que eles mais consideram que contribuem para o processo de aprendizagem:

Professor 1

Todos os recursos pedagógicos são importantes para o desenvolvimento intelectual do aluno com Síndrome de Down, mas o que chama mais a atenção são os jogos utilizando o computador, com softwares educativos.

Professor 2

Eu sempre achei importante trabalhar com projetos de dança, pinturas, recreação e jogos, pois as crianças com Síndrome de Down têm um maior déficit de atenção.

Sobre os materiais que os alunos não têm acesso e que eles consideram importantes para auxiliar no processo de aprendizagem:

Professor 1

O ideal seriam visitas ou seções de profissionais ligados a saúde, como assistente social, fonoaudiólogo, psicólogo, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta, para preparar melhor a parte emocional, comportamental, da criança juntamente com a família. Essa parceria seria na minha opinião o que falta hoje nas instituições escolares, porque nem toda família tem o conhecimento necessário para lidar muitas vezes com seu próprio filho.

Professor 2

Sim, existe uma diversidade de jogos e outros materiais para se trabalhar em computadores, o que é muito importante e de muita ajuda.

Em relação a outras estratégias:

Professor 1

As escolas deveriam estar equipadas com laboratórios de informática, laboratórios de ciências, ter aulas de música, de teatro, ter um espaço para realização de aula de educação física com um profissional formado na área, danças proporcionando assim um ambiente lúdico, acolhedor, atrativo, enfim que estimule e explore as habilidades da criança com Síndrome de Down.

Professor 2

Na minha opinião, ainda temos um caminho a trilhar quando se fala em inclusão. Acredito em projetos e em uma política pública voltada para essas crianças, permitindo a elas seu desenvolvimento global e sua participação em seu grupo social.

#### **Quarta categoria: apoio da família e da escola**

O apoio da família é uma peça chave fundamental para ambos os professores, 1 e 2, pois a aproximação e participação da família faz com que se conheça melhor o aluno com que se está trabalhando, e assim se desenvolva um trabalho com maior proximidade junto ao aluno. Importante destacar que o professor 1 relata o não apoio e falta da participação das famílias na inclusão dessas crianças na escola, o que pode gerar dificuldades no desenvolvimento dos alunos.

Em relação a participação do apoio da escola o professor 1 se sente amparado, e conta com o apoio escolar, diferentemente do professor 2 que não menciona a participação e apoio por parte da instituição de ensino no auxílio a inclusão, tanto por parte da qualificação e formação dos professores, como estrutura física e de materiais didáticos para trabalhar.



Partindo do pressuposto de que tanto a família como a escola, são importantes espaços de desenvolvimento a todo e qualquer indivíduo, enfatizamos a importância das interações familiares e escolares para a aluno com Síndrome de Down. A família é a primeira base do indivíduo. É a partir dela que as primeiras relações sociais da criança são construídas. Neste sentido, a família constitui o primeiro agente de socialização da criança, sendo a mediadora das relações da mesma com seus diversos ambientes. Para Rodrigo e Palácios (1998 apud VOIVODIC; STORER, 2002), o desenvolvimento de crianças que apresentam deficiência mental não depende apenas do grau em que são afetadas intelectualmente, pois em uma visão mais sistêmica consideram-se diversos fatores afetando o desenvolvimento, dos quais o principal é o ambiente familiar.

Conforme analisa Rodriguez (2006 p. 19), o papel da família na vida da pessoa com Síndrome de Down é muito importante, pois é ela que proporciona através do carinho, da estimulação e do respeito, as estruturas para que a pessoa possa ser inserida no ambiente social e escolar.

Professor 1

Da escola sim. Da família não. Os pais levam os seus filhos para a escola quase que obrigados. Eles não acreditam, que o filho possa desenvolver o intelectual e nem conviver pacificamente com seus pares, sendo que os mesmos são capazes de vencer suas dificuldades e se desenvolverem.

Professor 2

Não. Utopia, somos esquecidos, pois a escola só exige notas em sua maioria. É preciso de uma política pública voltada para o ensino especial.

#### **Quinta categoria: importância dos relacionamentos interpessoais**

Quando falamos dos relacionamentos interpessoais, falamos de um processo em que muitos alunos com deficiência, podem vir a passar por situações desagradáveis, como por exemplo sofrerem preconceitos por parte de alguns colegas. Os professores 1 e 2 relataram dados em comum, que o relacionamento é importante e também fundamental para essas

crianças, pois assim se sentem mais acolhidos, aprendem valores de convivência, e podem não se sentirem diferentes e nem excluídos da sociedade.

Ver e atender o outro considerando as suas diferenças, significa inseri-lo em relações interpessoais, para que ele avance em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. “Quando se inicia a aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, essas crianças precisam de um ensino mais individualizado e bem mais lento.” (MILANI, 2005, p. 56).

Nessa perspectiva, o currículo da escola regular precisa ser (re) pensado em relação às pessoas com Síndrome de Down. A identidade e alteridade dessas pessoas precisam ser referendadas pela coletividade, de forma a garantir a necessária produção individual de sentido, de modo que potencialize o aprender. Para isso, é necessário valorizar as referências individuais, prestar atenção às singularidades e estabelecer, a partir daí, alterações curriculares que favoreçam aprendizagens. A integração entre a ordem verbal e a resposta é difícil, porque a criança precisa fazer uma síntese entre a fala, a instrução e a ação. (MILANI, 2005, p. 50).

Professor 1

É de suma importância a convivência com seus pares, pois é através dessa mistura de culturas é a criança terá uma visão de mundo, vai entender e compreender valores que só a convivência com a família não será suficiente para serem consolidados. A criança vai aprender o verdadeiro sentido do respeito, solidariedade, responsabilidade, colaboração, amor próprio, amizade, enfim vai aprender a viver e conviver com o outro sem se sentir diferente.

Professor 2

As crianças com Síndrome de Down são muito carinhosas, e esse contato é muito bom, fazendo com que não sintam nenhum tipo de rejeição e nem se sintam excluídos. É ótimo para trabalhar agrupamento positivo.

### **Sexta categoria: importância da família**

Ambos os professores 1 e 2 tem em comum, relataram que a importância do apoio e da presença da família no processo de inclusão de uma criança em ambiente escolar é fundamental, tanto no pleno desenvolvimento do processo de aprendizagem, como no intercâmbio de

informações, no apoio educacional tanto em casa como na escola, contribuindo diretamente para o sucesso do processo de inclusão da criança, em todos os âmbitos. É a família que convive no ambiente doméstico, no dia a dia, é a família a responsável por transmitir os valores pessoais, entre outros valores educacionais, e assim podem passar para os professores diversas informações, pois muitos familiares não tem conhecimento e nem são preparados para lidar com crianças com Síndrome de Down.

A família deve ser orientada e motivada a colaborar e participar do programa educacional, promovendo desta forma uma interação maior com a criança. Vale ressaltar que a família incentiva a prática de tudo que a criança assimila.

O papel que a família desempenha é de fundamental importância desde os primeiros anos de vida de uma criança, constituindo-se neste período seu desenvolvimento cognitivo. Desde o início, as crianças com Síndrome de Down apresentam desenvolvimento cognitivo mais lento do que as outras, as dificuldades de aprendizagem alteram o curso do desenvolvimento, sendo que, à medida que a criança cresce, as diferenças mostram-se maiores.

De acordo com o que afirma Rodriguez (2006), o ambiente em que a criança com Síndrome de Down convive, deve ser constantemente estimulador e a família deve estar constantemente atenta para o seu papel de fornecedora desses estímulos, pois quando todos agem em conjunto, os profissionais que mantêm contato com a criança e a família, os resultados podem ser significativos e a criança com deficiência chega a um nível elevado de suas capacidades. As famílias, ao receberem a notícia de que seu filho apresenta Síndrome de Down, necessitam de segurança, apoio, confiança e dignidade, fazendo com que não fujam da realidade, mas enfrentem-na e construam algo, pois precisam de amor e ternura, para garantirem a cordialidade, a compaixão e a humanidade das pessoas (RAMOS et. al, 2006).

#### Professor 1

A família de mãos dadas à instituição escolar, é de suma importância, pois é através dela é que podemos conhecer melhor a criança, como ela é no âmbito familiar, o que ela sabe, o que ela faz, como se comporta em determinadas situações, do seu cotidiano, enfim vai ficar muito mais fácil fazer uma investigação, um estudo de caso, e assim poder chegar ao processo de ensino e aprendizagem. Os resultados esperados vão depender muito dessa investigação profunda da criança desde o seu nascimento, até os dias atuais.

Professor 2

A família é de suma importância, faz com a criança se sinta mais segura e confiante.

### **Sétima categoria: fatores dificultadores**

As limitações da criança, sejam elas motoras, de fala, de audição, de visão, de atenção, conforme os professores, são fatores que dificultam a inserção de uma criança na escola, assim como a não presença de profissionais da área de saúde e da área pedagógica, pois tornam um agravante no processo de inclusão e no desenvolvimento da criança. A ausência e não interesse da família é outro ponto relevante como dificultador no processo inclusivo, pois as faltas, ausências das aulas e atividades também atrasam o processo. Podemos considerar que a estrutura das instituições de ensino para receber esses alunos também não são condizentes com o processo de inclusão, pois não existem muitas vezes meios e materiais para trabalho eficiente com as crianças. Aspectos esses compartilhados pela opinião dos professores 1 e 2. Logo poderemos analisar que:

Não é possível dizer genericamente se é melhor ou pior incluir em escola regular uma criança com Síndrome de Down, pois todo caso é único e exclusivo, uma vez que algumas se desenvolvem adequadamente, porém muitas acabam ficando com a autoestima rebaixada quando percebem seu atraso em relação aos outros colegas da mesma idade. Quando essas crianças são colocadas em escolas especiais, algumas não conseguem adquirir um desenvolvimento padrão, porém estão mais próximas de sua realidade e podem se desenvolver de forma prazerosa, aprendendo coisas importantes para o seu dia-a-dia (SCHNEIDER, 2004).

Professor 1

A dificuldade na fala é um fator que poderia ser realizado seção com a fonoaudióloga desde o momento em que a criança começa o processo da fala acredita que melhoraria a comunicação da criança, ou seja, a linguagem oral. Outro fator relação professor /aluno importante seria o

professor da sala de aula regular associar o relatório já adquirindo pela criança aos conteúdos curriculares, e assim explorar suas habilidades e estimular a apropriação do conhecimento. Pensar na criança na hora do seu planejamento escolar é primordial para o sucesso ensino aprendizagem da criança.

#### Professor 2

Um dos fatores é a inserção da família desse aluno na escola, uma vez que a família não presente, as faltas aumentam muito. Há falta de recursos e apoio a eles dentro do ambiente educacional.

As crianças observadas nessa pesquisa frequentam o AEE no contra turno ao seu horário normal de aula na classe comum. Voltado para atender as pessoas com Necessidades Educacionais Especiais, o programa de atendimento Educacional Especializado (AEE) visa garantir a inclusão e a permanência de crianças com NEE.

Na efetivação da entrevista, as professoras da instituição pesquisada, evidenciaram as dificuldades enfrentadas por todos os integrantes do contexto educacional no primeiro momento em que um aluno com Síndrome de Down ingressou na escola. Conforme seus relatos um dos participantes ingressou em 2008 e permanece até hoje. Em relação ao aluno da outra professora participante, o mesmo chegou a instituição em 2013

#### Professora 1

No início foi uma jornada muito árdua, pois o ano que ingressou em 2011 apresentou varias dificuldades entre elas, o mesmo não conseguia permanecer na sala de aula. Era muito agressivo com os colegas e funcionários e não tinha limitações, uma vez que rasgava os materiais dos outros alunos, batia e mordida muito, corria, pulava a janela da sala de aula, não demonstrava interesse por nenhuma atividade, não aceitava ajuda da professora, não se comunicava com ninguém. Este ultimo episódio representava uma dificuldade a mais no ato da integração com os colegas, professores e os demais funcionários.

Segundo a professora depois que o educando começou a participar do atendimento Educacional Especializado seu comportamento e desempenho escolar mudou positivamente. Atualmente, o aluno é considerado um dos melhores em relação ao comportamento.

A partir da entrevista realizada com a professora da sala de aula comum chegamos ao entendimento de que ela, ainda encontra dificuldades para adequar as atividades de acordo com as necessidades educacionais do aluno, haja vista que além da Síndrome de Down, ele apresenta problemas visuais, o que represente um agravante a mais na sua aprendizagem. No que diz respeito às atividades desenvolvidas na sala de aula, o aluno só consegue resolver com as intervenções necessárias realizadas pela educadora.

Além disso, a docente adota práticas pedagógicas diferenciadas no atendimento do aluno visando o seu sucesso e a aquisição no conhecimento respeitando e desafiando seus limites de aprendizagem. Percebeu-se ainda que o aluno se comporta, adequadamente, tanto na sala de aula comum quanto na sala de recursos multifuncionais, ainda nos demais espaços da escola. Também apresenta interesse por atividades diversificadas como por exemplo: quebra-cabeça, dominó, jogar bola, recorte e colagem e outros.

Comprovou-se também que a professora da sala de aula comum trabalha em parceria com a professora de AEE. Estão sempre inovando os recursos e as metodologias para melhor atender as necessidades do aluno. Quanto à professora de AEE, percebeu-se muito interesse em manter-se articulada com a docente da sala de aula comum, pois procura sempre saber se o aluno evoluiu ou não em relação a aprendizagem e a interação com os colegas e professora.

Durante a entrevista realizada com a professora, a mesma relatou que o casal tem quatro filhos, sendo o discente indagado nessa pesquisa o filho caçula. O pai exerce a profissão de carpinteiro, enquanto que a mãe é do lar. A participação dos pais na vida escolar desse aluno é mínima. Ambos se fazem presentes quando são solicitados pela direção da escola. Segundo a professora, é o irmão que ajuda nas atividades escolares realizadas em casa e na organização dos materiais, visto que os pais trabalham fora. A mãe está consciente de que o filho precisa de acompanhamento médico, mas suas condições financeiras não permitem custear todas as despesas necessárias ao tratamento. Os pais já perceberam avanços no filho depois que ele começou a frequentar a escola.

O segundo participante, está na escola há dois anos e tem um ótimo relacionamento com os colegas e toda equipe escolar. Durante a entrevista realizada com a educadora do aluno constatou-se que o aluno é filho único do casal. O pai exerce a profissão de bombeiro, enquanto que a mãe é secretária. A participação dos pais na vida escolar desse aluno é bem ativa. Ambos se fazem presentes quando são solicitados pela direção da escola. Segundo a professora, tanto ela quanto o pai ajudam o filho nas atividades escolares para casa e na organização dos

materiais. Além do mais o discente tem um ótimo relacionamento com a família e os pais e também com os colegas da vizinhança. Disse ainda, que ele gosta de folhear livros, inventar histórias oralmente, pintar e brincar com os colegas.

A sala de recursos veio para auxiliar e agregar na vida desses alunos, pois é na sala de recursos multifuncionais que o aluno realiza atividades de complemento curricular. Participa ativamente do AEE e demonstra muito interesse pelas tarefas propostas. Vê-se que o processo de inclusão do aluno assim como outrem, traz em si barreiras a serem superadas por todos.

Até pouco tempo atrás, a maioria dos educadores de crianças com Síndrome de Down, insistiam em buscar soluções para a educação destas crianças utilizando-se de métodos tradicionais ultrapassados. Entretanto, mediante a presença do professor de AEE e as articulações entre este profissional e o educador regente, novas práticas pedagógicas e metodologias então surgindo com a finalidade de atender a clientela da Educação Especial, bem como promover condições para a construção do conhecimento pelo próprio aluno.

Compete ao professor de AEE orientar o professor regente e os demais funcionários da escola, para que possamos encontrar soluções para a eliminação da discriminação e do preconceito no ambiente escolar concretizando os objetivos de uma educação com igualdade de direitos para todos, sendo de fundamental importância do aluno investigado, possibilitando assim meios acessíveis ao processo de ensino e aprendizagem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A garantia de acesso, participação e aprendizagem de todos os alunos nas escolas contribui para a construção de uma nova cultura da valorização das diferenças. Do ponto de vista da escola comum, o papel do Projeto Político Pedagógico é visto como instrumento orientador desses espaços e a participação e o comprometimento dos professores na elaboração e execução desse projeto.

Os professores do ensino regular e os que atuam na educação especial precisam se articular para que seus objetivos específicos do ensino sejam alcançados, compartilhando, assim, um trabalho interdisciplinar colaborativo. As frentes do trabalho de cada professor são distintas. Ao professor da sala de aula comum é atribuído o ensino das áreas do conhecimento e ao professor do Atendimento Educacional Especializado cabe complementar e suplementar a formação dos alunos com conhecimentos e recursos específicos que elimine as barreiras nas quais impedem ou limitam sua participação com autonomia e independência nas turmas comuns do ensino regular.

Verificou-se que o educando com Síndrome de Down necessita de acompanhamento clínico como psicológico, terapeuta, e fonoaudiólogo, neurologista, além do tratamento educacional especializado. Pode-se dizer que a escola pesquisada oferece dentro de suas possibilidades o acesso e a permanência do aluno.

Ao se articular com a escola comum, na perspectiva da inclusão e conhecer como ocorre o processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down em uma escola de ensino regular da rede Estadual a educação especial muda seu rumo, refazendo caminhos que foram abertos tempos atrás, quando se propunha a substituir a escola comum para alguns alunos que não correspondiam as exigências do ensino regular. As mudanças de rumos implicam uma articulação de propósitos entre a escola comum e a educação especial, ao contrário do que acontece quando tanto a escola comum como a especial constituem escola dos diferentes, dividindo os alunos normais e especiais e estabelecendo uma cisão entre esses grupos que se isolam em ambientes educacionais.

Crianças com Síndrome de Down que estudam com colegas sem deficiência são beneficiadas no processo de inclusão, porém, os todos da escola também apresentam ganhos. A convivência com crianças de desenvolvimento considerado típico, é muito importante para as crianças com Síndrome de Down. Os colegas servem como exemplo de comportamento e de



conquistas apropriadas para a sua idade, contribuindo para o seu desenvolvimento emocional e social.

Na caminhada em favor de uma escola para todos, a educação especial brasileira tem tomado decisões e iniciativas que surpreendem pela ousadia de suas propostas e coerência de seus posicionamentos, conforme a constituição de 1998 prescreve como direito à educação.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais de alunos com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades/superlotação. Neste caso, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos.

A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvam como cidadãos, nas suas diferenças. A escola das diferenças é a escola inclusiva e sua pedagogia tem como norte questionar, colocar em dúvida, contrapor-se, discutir e reconstruir a prática.

Durante toda jornada do curso consegui almejar meus propósitos e acredito estar preparada para lidar com as adversidades da sala de aula, procurando ensinar com mais praticidade, segurança, prazer e competência. Sem dúvida que a cada módulo que passava, enriquecia meus conhecimentos e agregava experiências. Hoje posso dizer que estou trilhando meu caminho com mais determinação e mais segura, pois a cada novo conhecimento adquirido sinto mais incentivo a buscar novos métodos e aprender cada vez mais. A escola deve ser um espaço de trocas que favoreça o ato de ensinar e de aprender. Vale ressaltar que a realização desse trabalho foi de suma importância para minha aprendizagem, pois por meio dele tive a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos e adquirir novos conhecimentos sobre a Síndrome de Down, bem como conhecer os meios mais eficazes para se trabalhar com as crianças com esta Síndrome. Ainda percebi o potencial do aluno com Síndrome de Down, e que ele não deve ser rotulado por apresentar características diferentes dos ditos normais.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 2008.
- GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In Revista de Administração de Empresas, v. 35 n.2 Mar/Abril 1995<sup>a</sup>, p.57-63. Pesquisa qualitativa- tipos fundamentais, In Revista de Administração de Empresas, v. 35 n.3 Mai/Jun 1995<sup>b</sup>, p. 20-29.
- Fonte: <http://www.bengalalegal.com/down> 20/10/2006 - Fábio Adiron
- Fonte: <https://psicologado.com/psicologia-geral/introducao/metodo-de-pesquisa-qualitativa-usos-e-possibilidades> © Psicologado.com.
- BRASIL. MEC. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. 05 de Junho de 2007 portaria nº 948 de 09 de out de 2007. Disponível em: . Acesso em: 11 de julho de 2013.
- VOIVODIC, Maria Antonieta. Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- JR, G. A. F; MESSA, A. A. Pais, Filhos e Deficiência: estudos sobre as relações familiares. Psicol. Cient. Prof. V.27. n.2. Bras. Jun. 2007.
- MATTOS, P.; LINCOLN, C. L.: A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. Rev. adm. publica;39(4):823-847, jul.-ago. 2005
- TOMAR, M. S.: A Entrevista semi-estruturada Mestrado em Supervisão Pedagógica" (Edição 2007/2009) da Universidade Aberta.
- Disponível em: [mariosantos700904.blogspot.com/2008/05/matriz-do-guio-de-uma-entrevista-semi.html](http://mariosantos700904.blogspot.com/2008/05/matriz-do-guio-de-uma-entrevista-semi.html) - 100k.
- MILANI, Denise. Down, Síndrome de: como – onde – quando – porque. São Paulo: Livro Pronto: 2005.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHNEIDER, P. Inclusão de portadores da Síndrome de Down em escola regular: aspectos favoráveis e desfavoráveis. São Paulo, 2004, 29 p. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

## APÊNDICES

### Apêndice A: Roteiro de questionário semi-estruturado

- 1 Na sua opinião, a escola está preparada para a inclusão de alunos com Síndrome de Down - SD?
- 2 Você recebeu alguma formação específica para acompanhar esses alunos? Qual a importância dos cursos de formação para o processo de aprendizagem dos alunos
- 3 Quais materiais e/ou recursos pedagógicos você utiliza para auxiliar os alunos em sala de aula?
- 4 Que materiais e/ou recursos pedagógicos você considera os que mais contribuem para a aprendizagem?
- 5 Além dos materiais/recursos utilizados na escola, existem outros que os alunos não têm acesso, mas que você acredita que podem auxiliar a aprendizagem desses alunos?
- 6 O professor tem o apoio da escola e da família?
- 7 Qual a importância do relacionamento da criança com SD com os demais colegas
- 8 Qual a importância da família no processo de aprendizagem dessas crianças
- 9 Quais fatores dificultam o processo de aprendizagem dos alunos com SD? O que poderia ser feito para minimizar essas dificuldades?
- 10 Na sua opinião, existem outras estratégias que poderiam ser aplicadas para propiciar a aprendizagem dessas crianças?

## ANEXOS

### Anexo A: Carta de Apresentação



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPD  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

#### Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S<sup>a</sup> o(a) cursista pós-graduando(a) \_\_\_\_\_ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

---

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diva Albuquerque Maciel**

## Anexo B: Aceite Institucional



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

### Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*),  
da \_\_\_\_\_ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa  
\_\_\_\_\_ de responsabilidade do(a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_  
aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. \_\_\_\_\_.

O estudo envolve a realização de \_\_\_\_\_ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento \_\_\_\_\_ (*local na instituição a ser pesquisado*) com \_\_\_\_\_ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de \_\_\_\_\_ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em \_\_\_\_\_ e término em \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), \_\_\_\_\_ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_  
Nome do (a) responsável pela instituição

\_\_\_\_\_  
Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

## Anexo C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_